

# Temor e tremor

De: Soren Kierkegaard

Lisboa: Relógio D'Água, 2009

RESENHA | Carlos Eduardo Cavalcanti ALVES<sup>1</sup>

*Temor e tremor* é obra contemporânea de *A repetição e três discursos edificantes*, escritas em 1843. É uma das mais conhecidas e prestigiadas pelo público, dentre a vasta produção de Soren Kierkegaard. Com introdução, notas e tradução direta do texto original dinamarquês feitas por Elisabete M. de Sousa, a Relógio D'Água Editores disponibiliza ao mundo lusófono uma edição crítica recente dessa importante obra. Não por acaso, as publicações citadas compõem uma tríade fundamental para o estudo do pensador da Dinamarca: apresentam algumas das principais categorias kierkegaardianas, dentre elas, fé, paradoxo, salto, repetição, provação, indivíduo. Na introdução, Sousa comenta algumas destas.

Sobre a fé, afirma ser ela escuta da voz de Deus e confiança para esta vida, duas faces da mesma moeda: a primeira tem em Abraão seu modelo, em *Temor e tremor* – o cavaleiro da fé –; e a segunda, como requisito daquela, traduz-se na atitude do cavaleiro da resignação (p.16). A categoria repetição também está na obra, recordação que remete à felicidade presente, como no caso das virgens de Israel ao se lembrarem da filha de Jefté; das gerações futuras que se recordam de Abraão; e da Roma após Brutus. A infelicidade do momento passado torna-se a felicidade da recordação, possivelmente vivida por Abraão ao se lembrar da *Akedah*, evento objeto do livro – provação divina extrema que exigia a vida do filho, que tanto amava. Em *Temor e tremor*, essa provação envolve dúvida, incerteza e angústia de ir além das suas capacidades (p.18, nota 18). Repetição e felicidade na provação são movimentos da fé. Sobre o indivíduo, sua superioridade sobre o universal na obra, segundo Sousa, envolve dois aspectos, distintivos em relação à tragédia grega: tem o favor de Deus e não trata do primogênito, que deveria ser sacrificado, consistindo na suspensão teleológica da ética mesmo no contexto da Antiguidade. Enfim, o *pathos* abraâmico é liberdade da fé do coração, mais sublime que a liberdade moral (p.36).

O heterônimo Johannes de Silentio, que assina a obra, cita na epígrafe do Prefácio um episódio lendário da Roma Antiga, segundo o qual o antigo rei, Taquínio Soberbo, envia uma mensagem cifrada a seu filho, infiltrado entre os inimigos Gábios, ao cortar os botões das

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Pós-Graduação em Ciências da Religião. Rod. Dom Pedro I, km 136, Pq. das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil. E-mail: <cecavalcanti@yahoo.com.br>.

papoulas mais altas – significando que deveria banir os principais líderes opositores. Talvez fosse essa uma alusão à necessidade de aprofundar o conhecimento superficial do que será exposto na obra. De maneira irônica, inicia pela crítica à superficialidade filosófica de sua época, uma “liquidação comercial” de conceitos e reflexões, num pretenso avanço para além da dúvida – um cartesianismo nem mesmo presente em Descartes, consciente das limitações de seu método diante da religião e das armadilhas da razão. Critica também a ilusória superação da fé, ponto de partida de sistemas filosóficos, em vez de destino de uma caminhada difícil de compreensão. Declara-se como quem tem muito a dizer, mesmo não sendo filósofo, não obstante sua ‘debilidade’ ser apenas a de um amador fadado a críticas e impopularidade. O autor manifesta seu desejo pela compreensão da fé de Abraão. Para tanto, pensa em quatro desdobramentos hipotéticos da história, cujas dinâmicas nunca poderiam corresponder ao final do relato bíblico, pois indicariam dissimulação, dúvida, culpa ou pavor (p.58). Diferente foi a fé de Abraão, que deixou sua terra para peregrinar em lugar estranho; aguardou até a velhice seu filho, mantendo-se ‘jovem’; e, principalmente, ao ter tudo isso, não pensou em seu descanso na eternidade, mas continuou a acreditar para a vida.

Explica Johannes a diferença entre as leis do mundo social, em que nem sempre dedicação e esforço são recompensados com sucesso e facilidades, e o mundo do espírito, no qual inexistente o acaso: somente quem trabalha, sofre, angustia-se, empunha a faca como Abraão tem sua recompensa. Entretanto, o mundo do espírito padece pela falta de reflexão, exemplificada pela superficialidade da maior parte dos cristãos no entendimento da história bíblica. Omite-se a angústia, na irrelevância de se apenas identificar Isaac como o ‘melhor’ que Abraão daria a Deus. Como se justifica a importância do patriarca, se sua atitude se perde no contexto histórico da Antiguidade? Não seria melhor o esquecimento em vez de tanto prestígio?

A fé é que garante sentido ao gesto de Abraão, que foi além do amor ao filho. Sua dialética requer paixão, insondável pela filosofia e pela teologia. Mais fácil é superar o sistema de Hegel do que o paradoxo de Abraão! A diligência de um herói trágico, confessa Johannes que teria, a caminho de Moriá. Daria tudo por perdido, uma vez que Deus pede seu amado filho. Mas isso seria somente movimento infinito de resignação, porque a fé acredita no absurdo do abandono do finito para recebê-lo de volta, em um duplo movimento de sublime dialética além de qualquer razão. O homem de fé não se encontra com facilidade, embora possa externamente ser confundido com seu oposto, o burguês. É interessado pelo mundo, atento ao cotidiano, sem ser poeta ou gênio. Mas tudo realiza em função do absurdo. Sua resignação infinita é sucedida pela experiência prazerosa do finito. Como cavaleiro do infinito e da fé, assemelha-se ao bailarino que salta e retorna ao solo firmando-se de novo, ainda que com dificuldade, em êxtase. Para Johannes, não há, no movimento da fé, necessidade; diferentemente, implica o mundo do espírito, o conhecer a si próprio e seu valor eterno, a fim de alcançar a vida. Convicção é outra coisa, dado não ver impossibilidade nem ter resignação; é instinto do coração, em vez da firmeza da fé como paradoxo da vida. Contudo, resignação não leva à fé, mas à consciência eterna; é renúncia, ao contrário da fé, que paradoxalmente volta-se à temporalidade e recebe o finito. Aquela opõe-se à existência na dor; esta entra em harmonia com ela na alegria. A fé começa justamente onde acaba o pensamento (p.110).

Através da análise de três problemas éticos suscitados pela atitude de Abraão, que dão título aos capítulos da seção *Problemata*, o autor expõe as contradições entre a fé, como definida até aqui, e a ética na experiência do cavaleiro da fé.

O primeiro problema, “haverá uma suspensão teológica do ético?”, remete à moral como instância presente no universal, como *telos* de tudo o que é exterior. A singularidade não

sobrepuja o universal, mas se subordina a ele. Nisso acerta Hegel na *Filosofia do Direito*, mas erra ao não identificar o paradoxo da fé, que leva o indivíduo que está no universal a superá-lo. Não fosse assim, Abraão seria um assassino. A ética, portanto, não é o estágio maior da existência. Fé não é prerrogativa cristã, porém paradoxo que está acima do universal, em relação absoluta com o absoluto e sem qualquer mediação, já que é possuída pelo indivíduo. O absurdo de estar acima do universal requer a suspensão teleológica da ética, sem qualquer analogia com dilemas trágicos ou religiosos. Uma crise religiosa não justificaria o sacrifício de Isaac, haja vista a situação permitir apenas a ação do crente ou do assassino.

A comparação do evento bíblico com o paganismo é inócua, porque para este moral e divindade são uma só coisa, enquanto para o patriarca não há mediação; caso contrário, não seria o tão admirado pai da fé. Nem se compara ao herói trágico, que renuncia ao finito pelo mais certo – o infinito –, uma vez que a situação de Abraão seria de crise religiosa e, nesse caso, de dúvida e tormento. Tampouco sua ação é justificada pelo resultado – a preservação da vida de Isaac –, cujo valor está em seu princípio e desenvolvimento.

No segundo problema, em que se pergunta se “haverá um dever absoluto para com Deus?”, o autor identifica a ética com o divino, por ser o universal: é dever para com Deus, embora não seja relação com ele; por exemplo, quando se ama o próximo. Se nada houvesse de incomensurável no mundo, a ideia hegeliana seria verdade. Contudo, o paradoxo da fé coloca o interior acima do exterior. Na ética, seria isso pecado; na fé, uma interioridade superior é exercida, jamais o ‘imediatamente’ da filosofia, já superada pela resignação infinita da ignorância socrática. A fé dá-se no infinito para, então, dar-se no absurdo. A relação do indivíduo com o universal, por sua vez, é através do absoluto. Assim, o dever de amar a Deus é absoluto, acima da ética, que não é abolida, mas relativizada. O indivíduo incompreendido e sozinho está no paradoxo da fé: somente como tal pode carregar o sublime egoísmo de agir por amor a si e tudo abandonar, por amor a Deus. Na fé, coragem é humildade de amar sempre e, mais do que tudo, amar a Deus. Para Abraão o sacrifício está precisamente em abrir mão do filho amado, em paradoxo com seu amor a Deus.

Não há algo mais terrível do que existir como Indivíduo (p.135). É grandeza viver em temor e tremor, renunciar ao universal para se tornar indivíduo. O cavaleiro da fé não tem a ajuda de quem quer que seja. Sua terrível loucura é, ainda que disposto a sacrificar o filho, não deixar de considerar a ética de seu amor de pai. O herói trágico converte o dever em desejo ou renuncia a este, encontrando repouso; o cavaleiro da fé renuncia a ambos – resigna-se diante do desejo e toma o dever absoluto para com Deus, sem sair de sua realidade. O herói trágico encontra apoio no universal para superar a ética; o cavaleiro da fé está só. Não se confunde este com o sectário, uma caricatura do herói trágico juntando apoio disperso, negando a angústia e impondo domínio. O cavaleiro da fé em sua solidão a ninguém guia, nem se deixa guiar pelo desejo, entretanto está cômico da grandeza disponível a todos. Ou há um dever absoluto para com Deus ou Abraão está perdido ou, ainda, a fé é algo que todos possuem.

O silêncio de Abraão é exposto por Johannes no terceiro problema: “Terá sido eticamente defensável da parte de Abraão ter mantido silêncio sobre o seu propósito perante Sara, Eliezer e Isaac?”. Lembra que a ética é o universal e ratifica que o indivíduo é oculto, um ser imediatamente sensível e psíquico que deve se libertar para o universal, senão pecará. Tal situação também evidencia o paradoxo, visto Abraão estar acima do universal e oculto, fato negado por Hegel quando classifica a fé como primeiro imediato: na verdade é o imediato último. A primeira imediatidade é estética, não inclui a fé. Citando a Poética de Aristóteles, indica que a tragédia grega contém a coisa oculta, que é reconhecimento que suspende a ação dramática e mostra sua origem. Entretanto, na atual época de ‘reflexão’, seriam

impensáveis situações como a de um filho que mata um pai sem saber que o fez, pois o destino está na consciência do próprio drama. Se há sentido no oculto, apresenta-se o herói trágico; se não há, trata-se do cômico. Em ambos não há relação com o paradoxo.

Falar a verdade é exigência do universal contra um possível orgulho. Decidindo se calar, porém, Abraão entra como indivíduo em relação absoluta com o absoluto, sem mais duvidar. O *Novo Testamento* ratifica isso, inclusive com ironia, rancorosamente tratada por Hegel. Exemplo é o mandamento de esconder os sinais físicos do jejum, em que a subjetividade engana a realidade e desmonta a ideia de comunidade. É impossível compreender o patriarca diante dos estágios estético e ético e seus movimentos. Ele desprezou a mais alta instância ética para ele, a família, ao se calar. A estética exige o silêncio para salvar alguém e nunca admite o sacrifício do outro. A ética condena-o por se calar, numa decisão tomada individualmente, quando o movimento deveria ser infinito e manifesto, sacrificando-se pelo universal. Contudo, Abraão está no paradoxo: ou como Indivíduo está em relação absoluta com o absoluto ou está perdido, não sendo herói trágico nem ético. Cala-se no sofrimento e na angústia e não pode falar, porque seria incompreendido. Abraão está só, e sua linguagem não pode ser expressa: ela é divina. É um emigrante do universal, resistindo à tentação de agir pela ética. Realiza os movimentos da renúncia a Isaac e da fé, que o consola, uma vez que crê no absurdo mesmo sem visualizar o fim da história.

A única frase dita por Abraão foi uma resposta à indagação do filho: "...Deus proverá ele mesmo o cordeiro para o holocausto". Sobre falar uma última frase, não cabe ao herói trágico vulgar, pois seu sofrimento é inevitável e ele se diminuiria se declarasse algo. O intelectual fala pela comicidade e se torna imortal. Sócrates fez esse movimento ao replicar, afirmando-se diante da morte. Se Abraão falasse a Isaac que dele tratava o sacrifício, apresentar-se-ia a crise e se instalaria a dor, num ato de fraqueza e imaturidade. Abraão não mente, pois realmente crê no absurdo, mas nada diz com suas palavras, revestidas da ironia de quem sabia o que haveria de acontecer. Se estivesse indeciso ao falar a Isaac, já não seria o cavaleiro da fé que sofre e se angustia por amor a Deus.

No Epílogo, o autor lembra o episódio contemporâneo da baixa de preço de especiarias na Holanda, o que levou mercadores a diminuir a oferta dos produtos para fazer subir o preço. De forma equivalente, mas injustificável, a oferta do mundo do espírito foi drasticamente diminuída na modernidade, em detrimento da integridade e da nobreza do que é difícil. Como cada geração tem suas paixões e aprende a amar, nunca as herdando, deve aprender com elas, ainda que se beneficie do conhecimento anterior. "A fé é a paixão suprema num homem" (p.188) e toda geração deve recomeçá-la. E nenhuma irá além dela. Crianças ávidas pelo novo não são mais adiantadas do que as que, mais seriamente, brincam com o que lhes pertence. Quem chega à fé não se detém e não quer se deter nela, mas não vai além: sempre uma nova relação é requerida.

A apresentação da obra como um todo é bastante pertinente, introduzindo o leitor em uma rápida análise do pensamento do autor e conduzindo-o por tempestivos esclarecimentos em notas de rodapé, pela elucidação pontual de termos técnicos e específicos das línguas empregadas, e pela apresentação das obras e dos personagens citados por Kierkegaard. O único anexo do livro contém uma breve e útil cronologia da produção literária do pensador dinamarquês. Assim, a edição crítica aqui resenhada completa o esforço de pesquisadores brasileiros na tradução de outras obras, publicadas por editoras nacionais, bem como estabelece um padrão de excelência para as futuras traduções em língua portuguesa.